



## **NO TEXTO POÉTICO, A MARCA IDENTITÁRIA: UMA PRÁTICA DISCURSIVA SOBRE O MUNDO DO TRABALHO**

**Décia Pereira Pombo**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: delciauab@gmail.com

**Fátima Cristina da Costa Pessoa**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: fpessoa37@gmail.com

**Josebel Akel Fares**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: belfares@uol.com.br

### **RESUMO**

Este artigo visa a analisar discursivamente o poema "Velho Mané Grigório", do escritor marajoara Dalcídio Jurandir (2011), e verificar no contexto literário como a identidade do vaqueiro marajoara é construída. Na tessitura poética ressoam vozes cujos discursos já se deram previamente, um entendimento que se reporta ao próprio contexto do trabalho do vaqueiro, lugar constitutivo de sentidos. Neste cenário, o compromisso dos postulados da AD marcado pelo social e histórico e as considerações de Hall (2011) na construção identitária desses profissionais. Outros pontos a se tecer nessa trama requer articulação tecida nos conceitos de prática discursiva, formação discursiva, interdiscurso, comunidade discursiva, nos encaminhamentos da proposta de Maingueneau (1997; 2008), assim como suas considerações acerca do discurso literário (2016), no *corpus* que ora se apresenta. O estudo segue os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, cujo procedimento de análise busca interpretar as redes de sentido possíveis a partir da leitura de cada verso verificando como se constituem discursivamente e como se dá a construção de efeitos de sentido no texto literário.

**Palavras-chave:** Discurso literário. Vaqueiro marajoara. Identidade. Prática discursiva.

## **IN THE POETIC TEXT, THE IDENTITY BRAND: A DISCUSSION PRACTICE ABOUT THE WORLD OF WORK**

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze discursively the poem "Velho Mané Grigório", by the Marajoara writer Dalcídio Jurandir (2011), and verify in the literary context how the identity of the



Marajoara cowboy is constructed. In the poetic tessitura resonate voices whose discourses have already been given previously, an understanding that refers to the very context of the work of the cowboy, place constitutive of meanings. In this scenario, the commitment of the postulates of AD marked by social and historical and the considerations of Hall (2011) in the identity construction of these professionals. Other points to be weighed in this plot require articulation woven in the concepts of discursive practice, discursive formation, interdiscourse, discursive community, in the referrals to the proposal of Maingueneau (1997, 2008), as well as his considerations about the literary discourse (2016), in the corpus that presents itself today. The study follows the theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis (AD), of French line, whose analysis procedure seeks to interpret possible nets of meaning from the reading of each verse verifying how they are constituted discursively and how the construction of effects of meaning in the literary text.

**Keywords:** Literary discourse. Cowboy marajoara. Identity. Discursive practice.

## INTRODUÇÃO

O *corpus* deste trabalho é composto por um poema do escritor da literatura paraense de expressão amazônica Dalcídio Jurandir cuja temática incide na figura do vaqueiro marajoara aqui representado pelo “Velho Mané Grigório”. O poema escolhido refere-se ao contexto do trabalho do vaqueiro e busca-se analisá-lo na perspectiva da AD francesa para se compreender os efeitos de sentido que se produzem no campo literário.

No decorrer desta escrita, pretende-se saber: como se apresentam as atividades de trabalho do vaqueiro no poema “Velho Mané Grigório”? A justificativa para o enfoque discursivo, valendo-se do *corpus* do discurso literário, se oferece como possibilidade de várias leituras envolvendo um conjunto de práticas discursivas articuladas com outros discursos, como o discurso do trabalho, religioso, entre outros, que permita o entendimento da poesia como enunciado discursivo.

O estudo segue, então, os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, cujo procedimento de análise tende a despertar um novo olhar para o sentido, para o sujeito e para história na atividade do trabalho com o objetivo de investigar como a identidade do vaqueiro marajoara é construída no contexto literário, tendo-se como



princípio o discurso, a prática discursiva, cujos sentidos no enunciado poético se direcionam à construção dessa identidade.

Assim, a opção pela produção literária de Dalcídio Jurandir e a contextualização de uma voz no discurso poético a ressoar no campo dos estudos discursivos da Amazônia, um espaço aberto às diversas materialidades discursivas que ora se constitui especificamente do poema Mané Grigório. Uma versão da escrita de Dalcídio Jurandir que se concretiza na expressão do discurso literário amazônico por meio de uma voz que evoca à representação coletiva do entorno social do vaqueiro marajoara, e, segundo Maingueneau (2008, p. 91) “através de seus enunciados , o discurso produz um espaço onde se desdobra uma voz que lhe é própria [...]. O discurso, por mais escrito que seja, tem voz própria” e, de certo modo privilegiado, pela consciência de que o discurso literário mantém relação com processos de identificação dos sujeitos, já que se vale de fatos do cotidiano da realidade do vaqueiro para a construção de sentidos que se instauram no poema.

Um exercício poético, em que o lirismo de Dalcídio se faz presente nos trinta e seis poemas reunidos na obra “Poemas impetuosos ou O tempo é o do sempre escoar”, publicado em 2011 pela editora Paka-tatu, com ilustração de Ararê Marrocos e organização do professor e poeta Paulo Nunes. A intenção da coletânea foi “desencravar das gavetas o Dalcídio Jurandir poeta” e de lá se transcreve o V poema, Velho Mané Grigório, para verificar, no discurso literário, um traçado de caminhos cujas marcas conduzem ao ousado desafio de identificar aspectos do cotidiano do trabalho, as histórias e as memórias como elementos constitutivos da identidade do vaqueiro marajoara.

Na obra está expressa a voz no discurso literário. A voz poética como instrumental voltado à investigação do enunciado literário, aquele, que segundo Maingueneau (2016, p. 215), “é garantido em sua materialidade pela comunidade que o gera [...]. Capturado pela memória, aquela de que vem e aquela em que está destinado a entrar, pertence de direito a um *corpus* de textos consagrados”. Com isso, surge a oportunidade de transformar o ato de criação literária em forma peculiar de ver e escrever e ao mesmo tempo a trazer impressa a marca identitária de pertencimento ao campo literário e particularmente à literatura brasileira de expressão amazônica. Com um olhar distinto sobre o que escreve, Jurandir fala de sua experiência, e no



fazer literário reflete tanto as condições concretas históricas e sociais, como penetra nas subjetividades e anseios humanos, que na literatura adquire outra conotação, ganha novos ares e se constrói um mosaico interessante na linguagem simples e cuidadosa de Dalcídio com informações que recriam o contexto social, político e cultural do Século XX no Pará, eixo Marajó.

Por transitar entre o mundo ficcional da arte literária e o contexto social concreto – marcado pela voz do poema, o registro das condições de produção do texto literário do período em que se descreve a vida do vaqueiro marajoaras no discurso poético. O campo discursivo da linguagem constitui-se, então, como um campo fértil para que se pense na voz manifesta em “Velho Mané Grigório” e constitui o delineamento deste estudo, entre outras caracterizações da amostra. Dalcídio Jurandir desencadeia uma série de discursos valendo-se de uma dialética sutil, do particular e do coletivo, do imaginário e do real que extrapolam o interior da obra literária e revelam aspectos da realidade sociocultural e histórica das experiências do vaqueiro marajoara em interface com a ficção literária.

## **DISCURSO LITERÁRIO DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE**

Para proceder a análise do poema “*Velho Mané Grigório*”, publicado em 23 de dezembro de 1927, no Jornal de Cachoeira, ressalta-se a relevância dos conceitos da Análise do Discurso e o contexto literário da obra do escritor Dalcídio Jurandir. A seguir a análise do poema selecionado para este momento de estudo:

### **Velho Mané Grigório**

A febre do Arari matou meu amigo Mané Grigório...  
Mané Grigório me contava histórias  
De fazendeiros ricos e honrados  
Que iam, de noite, marcar o gado  
Das “fazendas nacionais...”

Aquela sua mão dura como o couro  
Quebrou muito boieco nos dias de ferra!

Peiou garrotes que faziam medo pro “seu” Guimar!  
Curou bicheira dos bezeros  
E puxou peito de vaca braba como onça,  
que enchia as cuias de leite espumoso,  
gostoso como luar na hora quieta  
da gente, trepada nos paus da porteira,  
comer carne com pirão de leite  
E ouvir histórias da Mãe do Fogo...  
Mestre das malhadas,  
Chefe dos embarques,  
Chefão na condução,  
Sarado na castração!  
Novilho ergueu a cabeça na ponta do gado  
Vera, diabo, vera!  
Que nada, é teimoso!  
Trepida o alazão nas terroadas  
Atrás do novilho!  
Velho Mané Grigório finca o pé no vazio do seu cavalo  
e laça o bruto só na mão virada!

Vaqueiro de brio, feitor como poucos  
Lhe dessem a fazenda pra tomar conta  
O gado aumentava que nem um milagre!  
Cansado, já velho, fez um *chalet* em Cachoeira...  
Era longa a sua carreira!  
Fazia, devagar, no remanso das tardes,  
os relhos e esticando as cordas com seus netos  
Contava pra gente histórias:  
Ferras!  
Embarques!  
Malhadas!  
Patrões unhas de fome  
Branças de estimar...

Velho Mané Grigório:  
Você foi um santo de tanto vaqueirar!  
S. Sebastião lhe deu o lugar que merece,  
Muito bezerro chorão pedia por você quando ficava bom das bicheiras...  
Você que rezava pro santo na tiração das esmolos.  
Beijava, benzendo-se, as fitas azuis, verde, cor de rosa do santo...  
S. Sebastião, S. Sebastião, santo dos vaqueiros!  
O senhor bem sabe a fama do velho Mané Grigório  
por estes campos, S. Sebastião!

(Dalcídio Jurandir, 25/12/1932)

Em uma análise discursiva atenta, verifica-se que desde o título já se esboça uma trama em torno de “Mané Grigório” em contornos a se definirem, no decorrer do poema, por meio de um cânone literário que revela uma realidade, trazendo no cerne da escrita o homem em circunstâncias de trabalho. Nestas circunstâncias, as possibilidades de conhecimento em torno

do trabalho do vaqueiro marajoara em que se integram modos de pensar, sentir e fazer na vida e na lida no cotidiano dos campos do Marajó.

No decorrer da leitura, se procurou traços delineados de uma realidade inscrita no cenário marajoara, imersa em situações históricas, políticas e ideológicas no interior de uma sociedade em que, Dalcídio, por ocasião de sua produção, dá mostra de conhecer fatos e personagens do lugar. Cabe, no entanto uma ressalva de Vignaux (1979), citado por Orlandi (2007, p. 73): “O discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade”, ainda que o conteúdo ficcional da obra dalcidiana contemple aspectos da realidade marajoara e modos de ser da comunidade local.

No poema em análise, os versos iniciais trazem a constatação de um fato que se deixa em pontilhado: “A febre do Arari matou meu amigo Mané Grigório...”, uma síntese de personagem, tempo e lugar. No recorte da paisagem, o Arari, há empenho do escritor em situar o trabalhador “vaqueiro” no tempo e nos espaços por onde ele transita. Como pano de fundo da poesia estão os campos do Marajó, marcadas na voz, não do autor, diz Maingueneau (2016, p. 74), “mas uma voz que seria porta-voz da própria palavra”, que no poema se manifesta e emite pistas do lugar e da realidade onde vive, trabalha, conta histórias, reza, tece relações e morre o vaqueiro marajoara.

Na perspectiva adotada pelo escritor se (re)descobre o prazer de perceber essa voz no ato de escrever, e Dalcídio transmite em versos a labuta diária dos vaqueiros marajoaras, atribuindo a Mané Grigório características específicas ao seu setor de trabalho. Lá estão dispostos valores, crenças e aspectos da sociedade à qual se dirige, e, por meio de uma linguagem fluida incorpora o passado que explica o presente, valendo-se de memórias e digressões temporais como instrumentos da criação literária.

No Velho Mané Grigório, fonte de inspiração para o texto, a memória evoca o contador de histórias: “O Velho Mané Grigório me contava histórias”. Aqui, presente e passado levam a pensar nas relações entre a vida e a obra do escritor marajoara e como em seus escritos figuram traços da vida vivida no Marajó, como no uso dos pronomes meu/me em vestígio explícito de sua presença no enunciado. De certa forma, os enunciados fazem parte de uma memória que



Maingueneau e Charaudeau (2016, p. 326) explicam: “certos enunciados são conservados, outros não, e as modalidades de sua conservação são inseparáveis de sua identidade”.

Nos saberes compartilhados pela memória discursiva nota-se que uso dos adjetivos destacados no verso “*De fazendeiros ricos e honrados*” são usados em tom de ironia para aqueles fazendeiros que “*que iam, de noite, marcar o gado / Das fazendas nacionais...*”<sup>1</sup> e nos animais encontrados punham a sua ferra, o seu sinal. O uso do dêitico temporal, dada pela situação de enunciação como a marca do tempo que se opera com a ajuda “de noite” daqueles que se ocultam nas sombras da escuridão para praticar suas ações ilícitas. Na disposição desses adjetivos, a introdução do último “nacionais”, relativo às fazendas, traduz uma escolha significativa na intenção de reforçar a depreciação contra ações indignas daqueles que usurpam bens alheios, ainda mais se tratando de bens nacionais, da forma como “cidadãos” ricos e honrados se apropriam indevidamente da coisa pública neste país.

Vê-se aí modos de dizer na escolha intencional do léxico, mas também uma escolha discursiva que produz o efeito surpreendente de ironia não posta explicitamente, mas se dá como um efeito de sentido a se alcançar pelas pistas do discurso, embora Maingueneau (2008, p. 80) não veja sentido em “falar do vocabulário desse ou daquele discurso, como se um discurso possuísse um léxico que lhe fosse próprio”. Mais adiante o autor (idem, p. 81) considera que “seria errado pensar que, em um discurso, as palavras são empregadas a não ser em razão de suas virtualidades de sentido em língua”, que, logo a seguir, tendem a adquirir, “o estatuto de signos de pertencimento”, a citar, por exemplo, o vaqueiro marajoara, do poema,

---

<sup>1</sup> Em nota, uma atividade ilegal ora referente aos vaqueiros, ora aos fazendeiros. No romance *O Marajó*, de Dalcídio Jurandir (2008, p. 319), os personagens Ramiro e Ormindá conversam sobre o roubo de gado das fazendas nacionais: “Pra você ver a pessimidade desses brancos. Ferro em brasa no lombo [do vaqueiro Gervásio]. Enquanto fazia isso, mandava assinalar gado alheio, tomava conta das fazendas nacionais, botava criadores pequenos na miséria. Os filhos dos fazendeiros se faziam doutores à custa de gado alheio”.

Na *Corografia Paraense ou descrição física, história e política da província do Gram Pará*, por Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva (1833, p. 333-334), outra versão dos fatos: “Expulsos os Jesuítas da Província do Pará, alguns annos depois igualmente o foram os religiosos Mercedários, a quem sequestraria todos os bens; pela maior parte fazendas de gado, que possuíam nesta ilha [...], constituindo hoje parte do patrimônio Nacional, e apesar do continuado desfalque que as mesmas fazendas sofrem dos próprios vaqueiros, e da comixturação do gado com o de diversas, além da apatia dos administradores, que convertem a sua administração antes em pouca utilidade, do que em a da Fazenda Pública.



como expoente de uma identidade dos campos, como a suscitar os sentidos de pertencimento ao lugar.

A essas marcas de pertencimento acumuladas na produção literária, Maingueneau (2016, p. 205) chama de “feixes de marcas linguísticas que marcam o pertencimento à literatura”, que nas suas relações expõem não o vaqueiro propriamente, mas o torna protagonista de uma existência. Destaca-se uma forma de vida e traços de uma identidade como meio de pulsar a história pessoal e subjetiva do vaqueiro, mas que no contexto literário, o sentido é levado para além das individualidades pessoais, uma estratégia instaurada pela criatividade da escrita, uma vez que o contexto é constitutivo de sentido.

Na segunda estrofe do poema, Dalcídio apresenta o caráter verossímil do texto valendo-se das concepções da experiência vivida,

Aquela sua mão dura **como** o couro  
Quebrou muito boieco nos dias de ferra!  
Peiou garrotes que faziam medo pro “seu” Guimar!  
Curou bicheira dos bezerros  
E puxou peito de vaca braba **como** onça,  
que enchia as cuias de leite espumoso,  
gostoso **como** luar na hora quieta  
da gente, trepada nos paus da porteira,  
comer carne com pirão de leite  
E ouvir histórias da Mãe do Fogo...

Nas palavras e expressões regionais presentes nestes versos uma sequência verbal singular da língua oral: quebrou (tombar, derrubar, dobrar, virar), peiou (amarrar, imobilizar), curou (tratar, cuidar), puxou (tirar, extrair) como ações valorizadas. Há o reconhecimento desses valores, inerentes às relações internas de trabalho, das manifestações culturais sobre o que a lida nos campos do Marajó se dá a refletir pelo viés do discurso literário e está inserida na situação de enunciação.

Observa-se também três aparições da conjunção comparativa “como” numa percepção do que existe de similaridade entre os elementos comparados de fácil compreensão, é claro, para quem compartilha desse conhecimento. A aplicação desse recurso se dá na tentativa de explicação de proximidade entre dois termos afins, utilizando-se de um léxico comum e se direciona à interpretação, no sentido de dar nova significação às palavras comparadas, numa



clara referência para o entendimento que se quer para quem desconhece essas situações comuns do cotidiano do vaqueiro marajoara.

Há então um estilo próprio do autor da estética do Modernismo, na poesia feita de elementos do cotidiano como as sinestesias dalcidianas tão presentes no poema “[...] *as cuias de leite espumoso,/ gostoso como luar na hora quieta*”; “*E ouvir histórias da Mãe do Fogo...*”, e a vida de um personagem simples, dotado de atitudes também simples que na linguagem literária se expõe em busca da originalidade, de valorizar a poética do cotidiano em novos caminhos com mais liberdade para as próprias condições de sua enunciação. Nesse aspecto, Maingueneau (2008, p. 25) é enfático:” Onde houver enunciados, enunciados sobre esses enunciados *ad libitum*, cada um tem sempre o direito de traçar os limites de um terreno de investigação conforme a própria conveniência”.

E no poema, os enunciados se vinculam à noção discursiva, daí um entrelaçamento com a literatura como representação da cultura marajoara, o modo de viver, o gesto de construção de seu mundo, a observação do tempo, a inscrição em determinado contexto, singularidades etc. Como se dá na sequência de adjetivos presentes na terceira estrofe com características atribuídas aos vaqueiros:

Mestre das malhadas,  
Chefe dos embarques,  
Chefão na condução,  
Sarado na castração!  
**Novilho ergueu a cabeça na ponta do gado**  
**Vera, diabo, vera!**<sup>2</sup>  
**Que nada, é teimoso!**  
*Trepida* o alazão nas terroadas  
Atrás do novilho!  
Velho Mané Grigório *finca* o pé no vazio do seu cavalo  
e *laça* o bruto só na mão virada!

A opção lexical é determinante para o efeito da imagem positiva do vaqueiro ditada por forte valor afetivo ao se considerar os quatro adjetivos citados: mestre, chefe, chefão e sarado,

---

<sup>2</sup> Nestes versos ocorre uma variação para esse modo de expressão. Alguns vaqueiros enunciam: Rera, diabo, Rera! Para quando animais teimosos insistem em ficar amontoados, no meio da manada e o vaqueiro incita os animais para que andem, se movimentem.

a escolha de palavras com intensa carga emocional, denota o efeito expressivo capaz de influenciar no apelo que se faz a São Sebastião ao final do poema.

Observa-se também que os tempos verbais sublinhados estão no presente (e no penúltimo verso do poema), sendo que em toda a estrutura do poema todos os demais verbos estão no pretérito imperfeito, a enunciação vinda do passado para uma realização que acontece no presente. Nesse caso, o emprego das formas verbais *trepida*, *finca*, *laça*, são ações vivazes executadas com maestria pelo vaqueiro e dá impressão que o autor se presentifica nas ações, numa interação com o personagem e se inclui nesse contexto.

A quarta estrofe continua uma forte adjetivação em torno de um vaqueiro:

Vaqueiro de brio, feitor como poucos  
Lhe dessem a fazenda pra tomar conta  
O gado aumentava que nem um milagre!  
Cansado, já velho, fez um *chalet* em Cachoeira...  
Era longa a sua carreira!  
Fazia, devagar, no remanso das tardes,  
os relhos e esticando as cordas com seus netos  
Contava pra gente histórias:  
Ferras!  
Embarques!  
Malhadas!  
Patrões unhas de fome  
Branças de estimar...

Homem corajoso, valente “*Vaqueiro de brio...*”, que exerceu também a função de feitor e bom de serviço, tinha zelo pela propriedade do patrão e cuidado com os animais, não os deixava soltos nos campos, sem ferra, sem sinal, tratava-se de um feitor trabalhador e honesto. Ao recorrer aos elementos discursivos no verso “O gado aumentava **que nem um milagre**” percebe-se um traço de ironia. Entenda-se milagre, em duas acepções do dicionário *Michaelis on line*: 1. Qualquer manifestação ou intervenção da presença divina na vida humana; 2. Acontecimento admirável e espantoso. Descartada a primeira definição, se pensa na alteração de significado da segunda acepção para um trabalhador que em busca de admiração, reconhecimento, torna-se desonesto e sai a marcar o gado “de fora” com a ferra do patrão, ou seja, outra versão do vaqueiro marajoara apresentado como um sujeito agindo de modo ilícito no seu campo de trabalho.



No verso “Cansado, já velho, fez um *chalet* em Cachoeira...”, outra situação comum na vida do vaqueiro quando encerra sua lida pelos campos, normalmente quando se aposenta, e já cansado, velho, precisa ir embora, desocupar a casa, levar ou vender os animais que criou e seguir outro rumo. Assim aconteceu com Mané Grigório que após findar uma vida dedicada ao labor pecuário, precisa deixar a fazenda do patrão e passar a morar em “*um chalet em Cachoeira*”, porque teve a oportunidade de adquirir para si. E da vida de esplendor no convívio dos companheiros nas fazendas, restavam as lembranças do tempo vivido e “*Era longa a sua carreira!*” por esta imensidão dos campos,

Aqui o termo *carreira* pode se referir a profissão do vaqueiro dedicado à atividade pastoril durante anos, ou a corrida do exímio vaqueiro ao cavalgar pelas cercanias das fazendas e em outros espaços onde fosse necessário, ou ainda se referir ao modo de agir na profissão, fazendo tudo na carreira para dar conta de todo o serviço. Essa ideia de movimento, frente à carreira necessária para desempenhar as tarefas diárias na vida ativa no campo, agora se encontra em oposição às atividades executadas sem pressa na cidade: “*Fazia, devagar, no remanso das tardes, / os relhos e esticando as cordas com seus netos/ Contava pra gente histórias*. Por meio da expressão a *gente*, o autor dá um tom mais falado à enunciação ao colocar-se explicitamente no poema, indicando um conjunto de indivíduos que pertencem à mesma comunidade na qual ele, o autor, se insere.

Do que permaneceu na memória, se contam as histórias do tempo das “*Ferras!/ Embarques!/ Malhadas!*”, atividades que os vaqueiros realizavam com prazer pelo contato e momentos prazerosos com companheiros de outras fazendas, o preparo dos instrumentos de trabalho, as aventuras, riscos e alegria da viagem, a liberdade dos campos montado em seu cavalo.

Mas quando se tem “*Patrões unhas de fome*”, não há animais para a matalotagem, nem distribuição do rancho por conta da fazenda, é tudo na conta do empregado, sendo que alguns ainda cobram o aluguel da casa e alguns até cobram o aluguel do armador onde o vaqueiro pendura a rede. Para os patrões ruins assim é sempre bom contar com a presença das patroas, que são as “*Branças de estimar...*”, sempre trazem um agrado da cidade, param para conversar



e saber da família, perguntam se os filhos estão estudando, se dispõe a ajudar, são prestativas, principalmente em caso de doença.

Aparece, por certo, uma tensão diante dos versos: “*Patrões unhas de fome/ Brancas de estimar,*” que se abrem em discordância. Ha exceções para os dois casos, é claro, pois algumas “patroas” são autoritárias, exigentes, nariz empinado, arrogantes, mandam e desmandam. Assim como tem os “brancos” que dão um bom tratamento para o empregado, dão condições de viver com dignidade, são amigos, tem confiança e sempre pedem conselhos para tomar decisões a respeito do trabalho, o período da ferra, selecionar o gado para embarque, época para fechar a malhada e realizar os serviços de vacinação, assinalação, ou seja, um comportamento amigável, de respeito entre patrão e empregado.

Na última estrofe se analisa o motivo pelo qual o discurso remete ao Velho Mané Grigório ser considerado um santo.

Velho Mané Grigório:  
Você foi um santo de tanto vaqueirar!  
S. Sebastião lhe deu o lugar que merece,  
Muito bezerro chorão pedia por você quando ficava bom das bicheiras...  
Você que rezava pro santo na tiração das esmolos.  
Beijava, benzendo-se, as fitas azuis, verde, cor de rosa do santo...  
S. Sebastião, S. Sebastião, santo dos vaqueiros!  
O senhor bem sabe a fama do velho Mané Grigório  
por estes campos, S. Sebastião!

Ao considerar Mané Grigório como santo adota-se o discurso católico, a religião que tem primazia nos campos do Marajó. Daí que observando o contexto do discurso cristão da doutrina católica, ou o que já se entende como “pré-construído” nesse espaço, atravessado por diferentes formações discursivas a partir de seu interdiscurso, considera-se a hipótese de que alguém ao cometer boas ações aqui na terra quando morre vai para o céu e vira santo, isso fica subtendido no verso “*Você foi um santo de tanto vaqueirar!*”. E como o protetor dos vaqueiros é São Sebastião foi ele, portanto, quem recebeu Mané Grigório e o colocou em lugar merecido porque foi bom devoto e seguidor fiel.

São muitas as manifestações de fé e os devotos percorrem as fazendas entoando cantos e orações angariando fundos para o festejo no dia dedicado ao padroeiro e no verso “*Você que*



*rezava pro santo na tiração das esmolras*” se expõe uma relação dedicada como em tantas outras atitudes de respeito do vaqueiro com o sagrado. Quando, por exemplo, “*Beijava, benzendo-se, as fitas azuis, verde, cor de rosa do santo...*”, um costume dos fiéis que beijam as fitas e depois fazem nós distribuídos em todo o seu comprimento e, à medida que os tecem, suplicam/agradecem, de joelhos, as graças desejadas/alcançadas.

Como santo popular da região, é festejado em doze municípios dentre os dezesseis que formam o arquipélago do Marajó, pois “o santo é referenciado como sendo padroeiro dos vaqueiros e o imaginário referente à festividade está situado nos campos e alagados típicos da região, além de bens associados ligados à atividade dos vaqueiros e de fazendeiros (IPHAN, 2010, p. 46), e nestes locais ganhou características bem particulares. É forte a presença portuguesa evidentes nas cores das fitas vermelha e verde que enlaçam o santo. Também se entremeiam as cores vermelhas, brancas e verdes que pode ser em alusão à Itália onde serviu como soldado romano, morreu e foi sepultado na Via Ápia. Mas, na abordagem discursiva importa o posto no texto e, no poema há referência às fitas na cor azul e cor de rosa, como em um contraponto do azul representando o gênero masculino, e cor rosa o feminino. A inclusão da cor rosa pode se dar pelo fato de São Sebastião ser considerado o patrono dos homossexuais desde o princípio do primeiro milênio da Era Cristã. Era homem dotado de enorme compaixão e se dedicava a cuidar dos portadores de doenças contagiosas e infecciosas, e sua coragem incomodou autoridades da época ao se assumir como cristão, pois antes era um cristão escondido. O alcance para essa titularidade está também na mudança de aparência que no dossiê de São Sebastião, organizado pelo Iphan (2010, p. 39), se explica que o motivo pelo qual ocorreu essa alteração foi

Por influência da Renascença o Santo, antes retratado como um homem idoso de barbas e se transformou num jovem desnudo com traços andróginos, supliciado por flechadas. Essas feições, certamente, têm contribuído para que comunidades católicas de homossexuais também se identifiquem com o mesmo no Brasil todo.

Na publicação de *O devoto fiel: glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari* Ramos (2013, p. 55) associa São Sebastião à situação de vida trágica pela qual passam aqueles que ousam assumir a homossexualidade



O homo erotismo associado à imagem de São Sebastião vem ocorrendo desde centenas de anos (i.e. na arte sacra Ocidental) e ela continua persistindo mesmo na cultura popular atual, sempre representando o fim trágico reservado ao elemento homossexual na mitologia do mundo cristão.

Uma forma de ressaltar como os discursos mantém relação com os elementos pré-construídos, uma relação interdiscursiva vista por Maingueneau (1997, p. 113) como

um processo de reconfiguração incessante no qual uma forma discursiva é levada [...] a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos.

Na compreensão de que vários enunciados se ancoram em posições de sentido similares e, conforme a interpretação que se dê, podem-se revelar questões sociais e culturais, refletindo o sentimento de pertencimento, de construção de identidade. Quando fala do sentimento de pertencimento integrado ao meio social, Stuart Hall (2011, p. 11) considera a identidade “formada na interação entre o eu e a sociedade”, o que permite cogitar uma identidade discursiva fortemente arraigada ao lugar social onde se situa o sujeito no momento da enunciação.

E desse lugar de fala, os três últimos versos a presença de uma voz com clamor insistente e repetitivo no vocativo “*São Sebastião, São Sebastião...*”, seguido do aposto “*... santo dos Vaqueiros*”, como se a voz presente no poema precisasse ativar a memória de São Sebastião ao ressaltar as benfeitorias do afamado vaqueiro, no exercício das suas funções: “*O Senhor bem sabe a fama do velho Mané Grigório*”, e conclui com um dêitico de lugar, marcando seu discurso “*por estes campos...*” referenciando um espaço que tem valor fundamental. A marca do aposto incisivo “*... São Sebastião*”, em mais um lembrete de que merece a salvação pois em vida foi vaqueiro sob a proteção do glorioso santo. O verbo *saber*, no sentido de informação, ciência, conhecimento, traz a crença de que se ativar a memória discursiva de São Sebastião, de algo que porventura ele possa ter esquecido a respeito do bom homem que foi Mané Gregório, haverá clareza desses detalhes tão necessários para sua salvação.



E o vaqueiro tem consciência de que pode contar com a intercessão do padroeiro, medianeiro atuante e dotado das qualidades de um grande guerreiro com condições de livrar e defender o devoto diante das adversidades da vida. O Iphan (2010, p. 41) corrobora o exposto

É nessa condição de protetor e “advogado” que São Sebastião convive com as populações marajoaras. Mas essa convivência não é apenas imaginária, ela tem implicações na vida real das pessoas, como marca dessa aliança real e não apenas virtual entre devoto e protetor, pode-se dizer que a imagem do santo é uma espécie de materialização dessa relação.

Como se vê, há uma formação interdiscursiva em conexão com elementos pré-construídos de discursos anteriores e estes constituem a memória discursiva no registro de formulações, que ora se repetem, a exemplo do vaqueiro que merece ser salvo, e, por isso, a repetição do nome do santo para ter um lugar no céu por merecimento contando com a prestimosa ajuda de São Sebastião.

A manifestação da fé na estrofe final é como se fizesse uma oração, no sentido religioso, uma conexão entre o já-dito nos versos anteriores que enaltecem os feitos realizados em vida pelo vaqueiro Mané Grigório, a quem ocorre a súplica, em oração, para entrar no “*lugar que merece*”. Para esse alcance, a recorrência a um jogo de palavras que se repetem na intenção de produzir um efeito de sentido junto ao santo, possível pela forma como se constroem no poema em uma sucessão de acontecimentos que ao serem lembrados, ganham novos sentidos no discurso literário.

No espaço da criação poética a construção de uma trajetória de vida com recursos de expressão que apontam as marcas de individualidade, apreendidas dentro da percepção de um sujeito no seu lugar de trabalho, posta no social e requer uma vinculação com a história desses sujeitos, marcados ideologicamente pela forte presença religiosa, um traço marcante no contexto da obra literária. E o vaqueiro, tão apegado aos santos, tem ainda como elemento constituinte de sua identidade a religião, que, nos seus aspectos ideológicos, assume um caráter divino.



## NAS (IN)CONCLUSÕES, A INCOMPLETUDE DO DISCURSO LITERÁRIO

Dalcídio Jurandir tendeu seus escritos pela estética do Modernismo em palavras que traduzem sua vivência pelos campos do Marajó e no que apresenta em versos sobre o exercício do trabalho do vaqueiro, o que explica, em parte, o seu processo criativo.

Na cadência ritmada dos versos, uma longa travessia se faz pelo poema Velho Mané Grigório, um percurso de análise conduzido pelas rédeas da AD, de linha francesa. Em cada etapa percorrida a constatação da presença do interdiscurso, pois como dizem Maingueneau e Charaudeau (2016, p. 172) “o discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho”.

Com essas novas aberturas, se percebeu uma memória discursiva, que regula o que pode e o que não pode ser dito em dada formação discursiva. O caminho é longo, disposto em 48 versos, e em cada linha, do trecho poético, a percepção de que as pistas deixadas por Dalcídio, sinalizam para uma abordagem sociológica, o ambiente cultural, a ironia, a repetibilidade, que dão mostras de um discurso marcado pelas condições de produção da época de seus escritos poéticos.

Um discurso literário envolto na história do dizer e do fazer conduzindo o funcionamento discursivo, de se pensar no dito, no enunciado que implica a materialidade, nas coerções políticas, histórias e ideológicas, na comunidade discursiva onde se inserem os sujeitos para poder agir, estabelecer entre eles uma dada relação. Uma forma condizente a Análise do Discurso vista em Pessoa (2016, p. 15) no sentido de que “Situar-se nos domínios da Análise do Discurso é refletir sobre o acontecimento de um enunciado, singularidade que emerge de um espaço de relações estabelecidas com o já dito que se reatualiza sempre”, com possibilidades de sentidos outros, em novos contextos e reatualizada no discurso que se volta para o que se diz e o que se faz, como as reflexões acerca do real percebido nesta análise que se dá entre ficção e realidade

Considera-se que o discurso no poema Mané Grigório revela um espaço que abre portas para diferentes leituras dado pela incompletude do poema. Uma incompletude da maneira como entende Orlandi (2012, p. 29) pelo “fato de que o que caracteriza qualquer



discurso é a multiplicidade de sentidos possíveis”, na leitura feita em interface entre a escrita literária e materialidade da prática discursiva. São sentidos que se constituem discursivamente e envolvem a própria materialidade do enunciado referente ao trabalho dos vaqueiros e como se dá a construção de efeito de sentido no texto literário.

Pode-se dizer, então, que a marca identitária do vaqueiro marajoara, na sua definição ontológica, não se deu em razão dos fatos, mas dos sentidos construídos de acordo com o modo como foram discursivizados pela presença da voz manifesta no poema, fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso que deixa entrever uma identidade profissional que revela sua fé com aprofundado significado das experiências de vida por meio dos estímulos da criação literária.

Um entendimento que se coaduna ao de Zumthor (2005, p. 69) ao considerar a poesia como “esta pulsão do ser na linguagem, que aspira a fazer brotar séries de palavras que escapam misteriosamente, tanto ao desgaste do tempo, como à dispersão no espaço: parece que existe no fundo dessa pulsão uma nostalgia de voz viva”. A linguagem do texto poético como um campo fértil para que a manifestação da voz se revele no espaço da criação, da performance do discurso literário.

## REFERÊNCIAS

CERQUEIRA & SILVA. Ignacio Accioli. Corografia paraense ou Descrição física, histórica e política da província do Gram Pará. Bahia: Typografia do Diário, 1833.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/index.php>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais: Dossiê das festividades de São Sebastião da Mesorregião do Marajó. 2010.

JURANDIR, D. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre escoá. Belém: Paka-tatu, 2011

MAINGUENEAU, D.; CHARAUDEAU, Patrick. Dicionário de análise do discurso. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2016.



---

MAINGUENEAU, D. Gênese dos discursos. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Novas tendências em análise do discurso. Trad. de Freda Indursky; 3. ed. Campinas, SP: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Discurso literário. Trad. De Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 7. ed., Campinas, SP: Pontes, 2007.

PESSOA, F.; MOREIRA, H. A enunciação nos contextos de trabalho: traços de uma ordem técnica e política. *Linguística*, 32(2), pp. 9-24. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.5935/2079-312X.20160014>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

RAMOS, L. O devoto fiel: glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari. Cachoeira do Arari: edição do autor, 2013.

VIGNAUX, M. Argumentation et Discours de la Norme. In: *Linguagens*, n. 53. Larousse: Paris, 1979.

ZUMTHOR, P. Escrita e nomadismo. São Paulo: Ateliê Editorial. 2005.